

A REDE SOCIAL FACEBOOK COMO EXTENSÃO DA SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA*

Joyce Vieira Fettermann¹

RESUMO

A vida na sociedade contemporânea requer mudança de pensamento, de comportamento social, dos modos de ensinar e também de aprender. Vive-se em uma época em que as informações estão disponíveis em qualquer lugar, a qualquer hora, bastando ter acesso à Internet e às diversas ferramentas que facilitam a conexão com ela. Por consequência disso, torna-se cada vez maior e mais frequente o número de estudantes imersos no mundo do acesso coletivo nas redes sociais virtuais, ampliando sua comunicação com grupos de variados interesses, como jogos, música, viagens, aprendizado de línguas, trabalho, entre outros. Nesse sentido, busca-se com esta pesquisa demonstrar que é possível tornar a rede Facebook, espaço digital tão utilizado atualmente, uma extensão da sala de aula de Língua Inglesa, local onde se deu este estudo. O aporte teórico em que se baseia este estudo, portanto, compreende leituras de pesquisadores como Krashen (1982), Larsen-Freeman (1986), Almeida Filho (1998), Kenski (2007), Leffa (2008) e outros, tão relevantes para o contexto estudado.

Palavras-chave: Redes sociais virtuais. Sala de aula. Língua Inglesa. Facebook.

INTRODUÇÃO

As novas tecnologias da comunicação vêm movimentando a educação e provocando mediações entre a abordagem utilizada pelo professor, a maneira de aprender do aluno e o conteúdo estudado. As diversas ferramentas da web 2.0 têm possibilitado uma proximidade maior tanto do aluno como do professor de informações mais realistas por meio de imagens, sons e movimentos disponibilizados em rede. Estas, quando bem utilizadas, despertam mudanças de comportamento em ambos os sujeitos, uma vez que os levam a uma compreensão melhor do que está sendo trabalhado em sala de aula.

Apesar disso, ainda é possível perceber que essas tecnologias não são responsáveis por mudanças drásticas na estrutura dos cursos, na articulação de conteúdos e na maneira como professores desempenham seu papel didático com seus aprendizes. Como, na maioria dos casos, são tidas apenas como recursos aos quais se pode recorrer para ensinar, “estão longe de serem utilizadas em todas as suas possibilidades para uma melhor educação” (KENSKI, 2007, p.45). Ainda há um longo caminho a percorrer para que o processo de ensino-aprendizagem tenha um suporte tecnológico que abarque as metodologias adotadas pelas instituições de ensino.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa busca integrar a utilização da rede social Facebook ao ensino presencial da língua inglesa em um curso livre de idiomas, entendendo que a mesma pode funcionar como um apoio dentro e fora da sala de aula. Para tanto, um grupo de alunos de nível básico foi observado pela autora deste durante o ano letivo de 2013, com o objetivo de verificar se e como seria possível o desenvolvimento da comunicação dos estudantes de língua inglesa no ambiente pesquisado, considerando a abordagem comunicativa.

* XI EVIDOSOL e VIII CILTEC-Online - junho/2014 -<http://evidosol.textolivre.org>

¹ Mestra em Cognição e Linguagem - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) / Campos dos Goytacazes, RJ / joycejvieira@gmail.com

Este artigo, no entanto, não tem a intenção de fazer generalizações, tampouco, dar uma palavra final sobre o assunto. Em vez disso, procura evidenciar as observações realizadas no contexto estudado, deixando outros pontos para serem abordados posteriormente, até mesmo, para que outros estudiosos que se interessem pelo tema possam explorá-lo sob uma nova perspectiva.

1 Ambiente presencial de ensino/aprendizagem e redes sociais virtuais

Conforme sugerem Sousa, Cordeiro e Machado, a educação ocorre quando o educador, tanto na modalidade presencial quanto a distância, se constitui como transformador e motivador do seu ambiente. “Deste modo, a aprendizagem ativa se torna favorecida” (2011, p. 2). Os autores destacam a importância da interação que ocorre entre professor e estudante e da construção do conhecimento, através da participação dos estudantes. Para tanto, torna-se essencial que o educador traga para o ambiente escolar instrumentos que instiguem a participação e a interação entre todos: estudante/estudante, professor/estudante e estudante/professor.

Behar, Passerino e Bernardi (2007) destacam que nas últimas décadas vem ocorrendo a passagem de uma Sociedade Industrial – que dá privilégios à cultura do ensino e prepara os indivíduos para desempenharem papéis, acumular conhecimento, “valores e normas vigentes, repassados de forma conteudista e desarticulada”, o que os desestimula, por não perceberem o sentido de tanta coisa que lhes foi ensinada – para uma Sociedade em Rede, em que o aluno é posicionado como protagonista do próprio conhecimento, construído de forma cooperativa, em uma relação realizada de forma comunicativa e reflexiva com os demais sujeitos.

Nos dias atuais, milhões de pessoas vêm se agrupando em espaços virtuais nos quais podem manter contato com indivíduos que compartilham dos mesmos interesses, os quais podem variar. Marteleto chama esses espaços de redes sociais, observando que estas funcionam como “um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados” (MARTELETO, 2001, p. 72).

Sabe-se que as tecnologias e informação e comunicação (TIC) têm proporcionado novos modelos de redes sociais e novos instrumentos. Assim sendo, elas podem fazer uso de diversas ferramentas, tais quais mensagem, *chat*, *feed* de notícias, grupos, páginas, aplicativos de jogos, e mais, como é o caso do Facebook. Combinando todos esses elementos, têm-se a formação de uma rede de relações sociais, as quais são compostas pelas comunidades virtuais. Castells (1999, p. 385) define comunidade virtual como “uma rede eletrônica de comunicação interativa autodefinida, organizada em torno de um interesse ou finalidade compartilhada, embora algumas vezes a própria comunicação se transforme no objetivo”.

Machado e Tijiboy (2005) apontam que o uso das redes sociais digitais na educação ainda é um campo pouco explorado, porém promissor. Suas características não devem ser descartadas nessa área, pois demonstram ser um ambiente rico em autenticidade, portanto, uma boa oportunidade de atrair estudantes e com eles manter contato, visando à troca voluntária de ideias e informações.

2 Natureza e contexto da pesquisa

A presente pesquisa buscou verificar como se deu o desenvolvimento da comunicação de uma turma de estudantes adultos do nível básico da língua inglesa de um curso livre em um grupo criado no Facebook, durante o ano letivo de 2013.

Tomou-se como rumo a abordagem de natureza qualitativa (TRIVINÕS, 1987), pelo seu caráter aberto e flexível, que possibilita ao pesquisador transitar pelo cenário da pesquisa, revendo pontos críticos e aprofundando questões que perpassem o decurso da investigação.

O eixo básico foi a Pesquisa Exploratória (SOUZA, 2009), através da qual esta pesquisadora vem estudando temas como este, ainda pouco explorado. Dessa maneira, buscou-se investigar na rede social Facebook a possibilidade de utilizá-la como ferramenta pedagógica para o ensino da língua inglesa, suscitando sua aplicabilidade paralelamente no processo de ensino e aprendizagem, sobretudo, no contexto presencial de cursos livres de idiomas.

Tomou-se, então, a Observação Participante (CHIZOTTI, 1998) como técnica que permeou as reflexões da observadora. Conforme define o autor (1998, p. 90), a observação participante “é obtida por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para recolher ações dos atores em seu contexto natural, a partir de perspectiva e seus pontos de vista”. Portanto, faz-se relevante elucidar a participação da pesquisadora deste estudo no ambiente virtual estudado durante todo o percurso da investigação, numa articulação da teoria (embasada no referencial teórico que alicerçou a pesquisa) com a prática (emanada no contexto da rede social em tela).

3 O Grupo ‘FAST – CNA Itaperuna’

O grupo ‘FAST – CNA Itaperuna’², formado por alunos de uma modalidade intensiva do curso livre estudado, foi criado no Facebook em 18 de fevereiro de 2013 pela professora de uma das turmas para ser um espaço onde os alunos pudessem praticar o que aprendiam nas aulas, de uma maneira mais descontraída e informal. Nesse espaço eles participavam de tarefas como tirar dúvidas, comentar as postagens realizadas (textos, fotos, links ou vídeos), fazer atividades de casa, postar curiosidades de seu interesse, enfim, podiam se comunicar a todo o momento, utilizando a língua inglesa.

Faz-se importante ressaltar que, em geral, as atividades realizadas no grupo online funcionavam como um complemento das aulas, o que os levava a praticar o conhecimento que iam adquirindo previamente com o uso dos materiais didáticos adotados pelo curso (livro de tarefas de aula e de casa, CD de áudio para a aula e para casa, *web lessons* – atividades desenvolvidas no portal online da escola).

Durante todo o ano de 2013, alguns pontos foram observados no grupo: como a comunicação em inglês acontecia, as postagens que os alunos faziam no grupo, os modos como eles se desempenhavam e ajudavam os colegas, as formações de frases e parágrafos, a maneira como eles se dedicavam e realizavam as tarefas, o que conseguiam produzir após cada aula, se utilizavam apenas o idioma estudado, as correções após cada *feedback* da professora, entre outros.

Com base nessas observações, foi possível identificar, à luz do que ressaltam os pesquisadores Krashen (1982), Larsen-Freeman (1986), Almeida Filho (1998), Leffa (2008) e Santos (2011) as seguintes considerações, que podem resultar do processo de ensino e aprendizagem comunicativo com o uso do Facebook pelos alunos, como um complemento das atividades desempenhadas na sala de aula:

a) uma das maiores responsabilidades da professora foi estabelecer situações que pudessem promover a comunicação no grupo.

Durante a atividade realizada online, na qual o objetivo era levar os alunos a descreverem como eles se deslocam para determinados lugares como o trabalho, a faculdade, o curso e outros (o que eles haviam estudado na aula anterior) e quanto tempo levam, eles foram estimulados o tempo todo a usarem a língua inglesa, ainda que cometessem algum erro.

² Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/338010686317311/>

Isto proporcionou-lhes oportunidades de aprenderem como utilizarem determinadas formas gramaticais, conhecer novos vocábulos e a formular frases mais elaboradas à medida que recebiam um novo *feedback*.

Assim, confirma-se o que diz Larsen-Freeman ao ressaltar que “a língua-alvo deve ser um veículo de comunicação durante a aula e não apenas um objeto de estudo” (LARSEN-FREEMAN, 1986, p.129). Uma vez que isso acontece, eles passam a adquirir novas experiências linguísticas e confiança para construir novos significados e se comunicar, como afirma o linguista aplicado Almeida Filho:

O ensino comunicativo é aquele que organiza as experiências de aprender em termos de atividades relevantes/tarefas de real interesse e/ou necessidade do aluno para que ele se capacite a usar a língua-alvo para realizar ações de verdade na interação com outros falantes-usuários dessa língua (ALMEIDA FILHO, 1998, p. 36).

b) a professora buscou agir como coordenadora durante as atividades, estimulando a participação de todos.

No método comunicativo, a aprendizagem está centrada no estudante (LEFFA, 2008), não apenas em termos de conteúdo, mas também de técnicas utilizadas pelo professor em sala de aula. Assim, este não exerce seu papel de autoridade e de distribuidor conhecimento, mas passa a assumir o papel de orientador, de mediador e facilitador da aprendizagem.

Nesse sentido, o aspecto afetivo demonstra ser visto como uma variável primordialmente importante no processo, no qual o professor deve mostrar interesse pelos anseios dos estudantes, encorajando sua participação, acatando as sugestões por eles dadas durante as aulas, e, como demonstra Larsen-Freeman (1986, p.129), dando a eles a *oportunidade de expressarem suas ideias e opiniões*³. Importante se faz destacar que a sala de aula deixou de ser um espaço entre quatro paredes para assumir uma dimensão virtual, em que os alunos puderam estar presentes fora do horário de aula por vontade própria, o que demonstrou espontaneidade e vontade de continuar aprendendo e compartilhando o conhecimento do idioma estudado.

c) a gramática e o vocabulário aprendidos seguiram a função da língua e o contexto.

d) os erros foram resultados naturais do desenvolvimento das habilidades de comunicação, o que não impediu a mesma de acontecer.

Conforme destaca Santos (2011), na aprendizagem de língua estrangeira que segue como padrão a Abordagem Comunicativa, dominar as regras gramaticais não é a prioridade, o que faz com que a própria gramática perca sua posição centralizadora. Apesar disso, ela assume uma função de complementaridade no processo de aquisição instaurado. O estudioso ainda afirma que:

Isso nos ajuda a reconstituir a compreensão da AC, que, equivocadamente, foi mal interpretada como sendo uma abordagem que exclui o ensino da gramática. Pelo contrário, a gramática tem sua importância reconhecida, mas não é crucial para se adquirir a nova língua. Imersos na significação que se busca e se constrói na medida do possível, a gramaticalidade se instaura como decorrência e não como indutora. Neste sentido, coadunamos com o posicionamento de Krashen (1982) e Prabhu (1987) que apontam a

³Tradução de autoria da pesquisadora deste estudo.

comunicação/interação na língua-alvo como condição básica para a aquisição (SANTOS, 2011, Disponível em: http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=215:6-analise-de-abordagem-de-ensino-de-lingua-no-limite&catid=62:educacao-3&Itemid=107. Acessado em 12 mar. 2014).

Para Krashen (1982), a presença dos erros na comunicação durante a aprendizagem de LE parece ser uma ocorrência natural no processo de aquisição mediado por ensino formalizado em grupos e etapas. Assim, eles surgem na formação da interlíngua dos alunos e podem vir a ser “um insumo revitalizador (se tratado devidamente) que contribuirá para uma aquisição percebida como satisfatória pelo estudante”, como afirma Santos (op. cit.).

Dessa forma, percebeu-se nas postagens dos alunos que seus erros, observados e demonstrados pela professora, não os impediram de passar a mensagem por eles pretendida e participar da atividade proposta, uma vez que, como evidenciado na característica 3, a gramática e o vocabulário aprendido seguiram a função da língua e um contexto. Para que a turma pudesse ter um melhor aproveitamento diante do que foi observado, esses erros foram discutidos na aula seguinte com o grupo e todos puderam participar de outras tarefas para checar a compreensão das formas gramaticais e do uso das mesmas em situações reais de comunicação, através de jogos e trabalhos em grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o transcorrer deste trabalho, tentou-se integrar a utilização da rede social Facebook ao ensino presencial da língua inglesa em um curso livre de idiomas, buscando aporte teórico em autores tanto das Novas Tecnologias como da Linguística Aplicada, e tentando entrelaçar estes dois assuntos que tanto têm a contribuir para um ensino eficaz, atraente, dinâmico e autônomo na contemporaneidade.

Das observações realizadas no ambiente estudado, foi possível chegar às seguintes considerações: 1. Uma das maiores responsabilidades da professora foi estabelecer situações que pudessem promover a comunicação no grupo; 2. A professora buscou agir como coordenadora durante as atividades, estimulando a participação de todos; 3. A gramática e o vocabulário aprendidos seguiram a função da língua e o contexto; e 4. Os erros foram resultados naturais do desenvolvimento das habilidades de comunicação, o que não impediu a mesma de acontecer.

Finalmente, o presente estudo, lançando mão da pesquisa exploratória, buscou integrar a utilização da rede social Facebook ao ensino presencial da língua inglesa em um curso livre de idiomas, entendendo que a mesma pode funcionar como um apoio dentro e fora da sala de aula. Assim sendo, este estudo se constituiu num relato de ações promovidas para a obtenção de respostas aos questionamentos e curiosidades vivenciados pela autora deste, que buscou iniciar (pois esta não termina aqui) uma pesquisa que pode contribuir para que as barreiras do ensino da língua inglesa, formadas por métodos e abordagens tradicionais, possam ser rompidas e, dessa forma, esse idioma possa ser ensinado e aprendido com mais motivação nos ambientes presenciais, ampliando os espaços da sala de aula para os espaços virtuais. Este estudo, portanto, pode instigar estudantes e educadores também em outros contextos educacionais, como a escola regular e a universidade, pois sua essência transcende o ambiente dos cursos livres de idiomas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. J. Aprendizagem colaborativa: o professor e o aluno ressignificados. In: ALMEIDA, F. J. (Coord.). **Projeto Nave. Educação a distância. Formação de professores em ambientes virtuais e colaborativos de aprendizagem.** São Paulo: s.n., 2001.
- BEHAR, P; PASSERINO, L; BERNARDI, M. **Modelos Pedagógicos para Educação a Distância:** pressupostos teóricos para a construção de objetos de aprendizagem. Porto Alegre: CINTED-UFRGS, 2007.
- CASTELLS, M. A Sociedade em Rede. **A Era da Informática: Economia, Sociedade e Cultura.** Rio de Janeiro, Ed. Paz e Vida, 1999.
- CHIZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- CORDEIRO, B; MACHADO, M. **A Percepção do Professor sobre a Atuação Paralela nas Modalidades Presencial e a Distância.** 2011. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2011/cd/159.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2014.
- KENSKI, V. M. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação.** Campinas/SP: Papirus, 2007.
- KRASHEN, S. D. **Principles and practice in second language acquisition.** Oxford, Pergamon Press, 1982.
- LEFFA, V J. **Metodologia do ensino de línguas.** In BOHN, H.I.; VANDERSEN, P. *Tópicos em linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras.* Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. P. 211-236.
- LARSEN-FREEMAN, D. **Techniques and Principles in Language Teaching.** Oxford university Press, 1986.
- MACHADO, J; TIJIBOY, A. **Redes Sociais Virtuais: um espaço para efetivação da aprendizagem cooperativa.** 2005. Disponível: <http://seer.ufrgs.br/renote/article/view/13798>. Acesso em: 10 mar. 2014.
- MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ci. Inf.**, v. 30, n.1, Brasília, jan./abr. 2001.
- SANTOS, M. **Análise de Abordagem de Ensino de Língua no Limite.** 2011. Disponível em: http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=215:6-analise-de-abordagem-de-ensino-de-lingua-no-limite&catid=62:edicao-3&Itemid=107. Acesso em: 12 mar. 2014.
- SILVA, M. **Sala de aula interativa.** Rio de Janeiro: Quartet, 2002. SOUZA, A;
- SOUZA, C. H. M. de; GOMES, M. L. M. **Educação e Ciberespaço.** Brasília. Editora Usina de Letras, 2009.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. 12 tir. São Paulo: Atlas, 1987.